

Super gramínea é usada no PR

Pecuaristas começam a plantar a gramínea Tifton, que cresce oito centímetros por dia

Luiz Carlos Rizzo - (Maringá-PR)
Especial para o MultiRural

Só vendo para crer e para não passar por mentiroso. A gramínea Tifton, de origem norte-americana e que começa a atrair a atenção de pecuaristas paranaenses, pode desencadear uma verdadeira revolução em matéria de pastagem. Não é para menos. Cresce oito centímetros por dia, suporta tranquilamente 10 bovinos por alqueire e, no inverno, temperaturas abaixo de cinco graus negativos não lhe causam qualquer problema.

Paulo Valentim Cemensatti, zootecnista e dono da Chácara Marialva, quatro alqueires no município homônimo à sua propriedade e às margens da BR-376 (Maringá-Mandaguari), fez o plantio experimental para comprovar na prática as muitas qualidades dessa gramínea aprovada pela pesquisa norte-americana só em 92 - há menos de três anos.

Do gênero *Cynodon* (mesma ramificação que a estrela africana), a Tifton 68 plantada por Cemensatti impressiona o visitante. Plantadas no espaçamento 1,5 m x 1,5 m, as mudas brotaram sem maiores problemas mesmo tendo enfrentado baixas temperaturas em agosto e seca prolongada no segundo semestre do ano passado. Cerca de 45 dias após o plantio do canteiro experimental, houve início da retirada de mudas para plantio numa área maior de 1,5 alqueire.

Produtor de leite, esse pequeno proprietário rural com conhecimento técnico muito acima da média do meio rural pela sua formação acadêmica diz com convicção:

- Sessenta dias após o plantio, a Tifton já está completamente formada, podendo ser colocado o gado para pastoreio.

Ele aconselha, porém, efetuar o plantio em condições ótimas de umidade para a muda não sofrer stress do transplante do canteiro para a área onde ficará em definitivo.

No solo roxo da Chácara Marialva, não houve correção de acidez por ser dispensável, mas apenas adubação: quatro sacos de

25:20 para 1,5 alqueire. No final de janeiro, era tanta massa verde que as novilhas holandesas PC (puro por cruz) pareciam estar "nadando" num mar de Tifton: suas pernas ficavam completamente encobertas pela gramínea.

Demais vantagens

Mesmo não tendo optado pela variedade Tifton 85 - considerada pela propaganda "melhor" que a 68 -, Cemensatti fica impressionado com a produção de massa

torna fibroso com o passar do tempo, conforme acontece com outras lavouras. E pelas suas condições próprias, é uma gramínea tenra e succulenta e, portanto, de boa digestibilidade.

Por isso que esse produtor rural acredita - baseado em experiências de outros pecuaristas que



A nova gramínea precisa ser experimentada com cautela

verde por um aspecto peculiar: a área foliar desta gramínea é maior, por exemplo, que estrela-africana porque as folhas não estão apenas na parte aérea, mas desde a parte baixa.

Grande banco de proteína. Eis outra vantagem dessa norte-americana que vem deixando bovinocultores boquiabertos. Com 45 dias de plantio, a Tifton apresenta cerca de 24% de proteína contra, por exemplo, 12 por cento do Napier cortado no ponto ideal. E seus estalões são longos.

- A Tifton não é um capim que se

estão numa fase mais adiantada com o Tifton - que a campo livre o gado pode engordar entre 600 e 700 gramas dia. No caso de leite, sua previsão para as novilhas - assim que entrarem em lactação - fica abaixo de 10 litros dia em regime de piquete.

Embora essa gramínea seja a coqueluche neste momento, o zootecnista maringaense não a recomenda para solos de baixa fertilidade ou muito degradados sem prévia correção de acidez e adubação. Em resumo, Cemensatti recomenda: onde a estrela-africa-



Cemensatti: satisfeito com o desempenho da nova gramínea

na vai bem, a Tifton 68 ou 85 vai melhor. É preparar o solo adequadamente, plantar as mudas e colocar o gado de 45 a 60 dias após.

Feno

Para produção de feno, o criador também a recomenda. Em corte simulado, a produção estimada atingiu entre cinco e seis toneladas/ha e com possibilidade de seis a oito cortes por ano. Se bem adubada, esta produção pode alcançar até 30 ton.

Cemensatti, que vende o saco de mudas de 20 kg a R\$ 100,00, diz que pode ser multiplicada por 50 vezes a produção de mudas para plantio em área maior posteriormente. Ou seja, com canteiro de 3.000 metros, torna-se possível a produção de mudas (espaçamento 2 m x 2 m), para 150 m². Época ideal de plantio: até abril, quando chove regularmente.

Com um pé na frente e outro atrás, o experiente veterinário Robson Curty, coordenador de pecuária regional da Emater-PR em Maringá, só espera que o interesse pela gramínea Tifton não seja apenas modismo impulsionado pela propaganda maciça de vendedores de mudas. Ele se recorda que isto já ocorreu com outras forrageiras: humidícola,

brizantão, etc.

Os riscos? Eventuais frustrações de quem as adquire pelos excessos propagandísticos, podendo "queimar" as potencialidades de uma excelente forrageira. Curty ressalta que a Tifton está adaptada para as condições de solo norte-americano, não havendo tempo hábil para uma avaliação precisa sobre seu comportamento em terras do Sudeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil.

Gramínea que não produz semente, robusta, com estalões longos, folhas largas, a Tifton 85 produziu - em experimentos americanos - 26% em matéria seca, foi 11% mais digestível e 10% mais succulenta que a Coastal. É, porém, exigente em luminosidade, havendo necessidade de temperatura em média de 37 graus centígrados para seu metabolismo máximo. Vegeta em diversos tipos de solos - de arenosos a argilosos - desde que **bem drenados e fertilizados**. Tem alta retirada de nutrientes do solo por causa de seu alto rendimento na produção de forragens.

Mesmo sendo promissora, a Tifton 85 não pode ser encarada com excesso de otimismo, segundo adverte Luiz Danilo Muchlamann, da Emater-PR.

Eis suas principais advertências:

- 1) Implantar somente em áreas pequenas para avaliar ainda assim pastoreio de animais
- 2) Usar mudas de qualidade e provenientes de empresas idôneas. Na nota fiscal devem constar certificação de sua pureza varietal, bem como comprovação de que está livre de inços e doenças.
- 3) Observar o comportamento dessa forrageira quanto a doenças e pragas.
- 4) Tenha disposição para vencer a avareza, fertilizando e corrigindo o solo de forma tecnicamente adequada já que esta variedade é exigente em alta fertilidade.

Jesus chegou na Ilha Grande ainda jovem. Hoje acumula não menos de 105 anos, conforme os filhos. Ela não aceita dizer que seu case-bre é cercado por pernilongos e parece conviver intimamente com as cheias periódicas do rio Paraná.

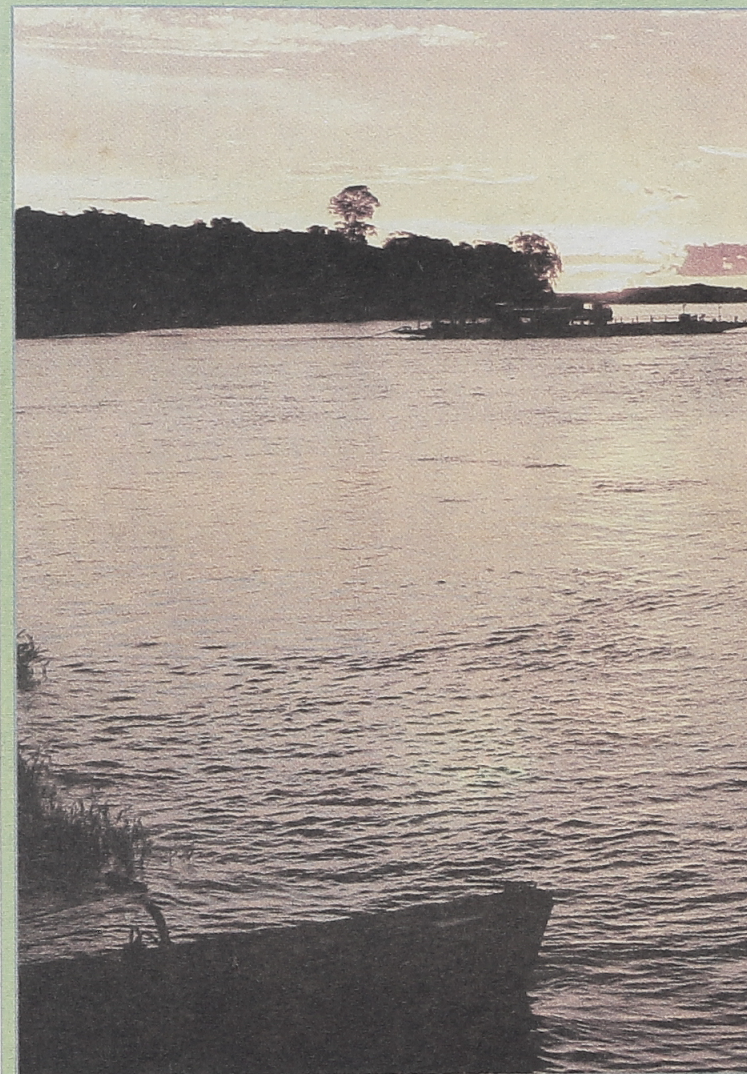
A principal lembrança desta agricultora aposentada pelo tempo é que já desbravou muita terra da ilha. "Isso aqui tinha de tudo, quase nem era preciso plantar", lembra. Nos dois lados da horizon-

tal da ilha onde mora, dona Noêmia só vê água. Não há mais mata nativa.

"Homem do Plano"

José Garcia, 73 anos, de família de bugres, se gaba por ter um rádio que mal funciona. "Foi aqui que eu decidi votar no homem do plano", disse. Outros colegas seus não tiveram a mesma ajuda e nem sequer lembram em quem votaram em outubro do ano passado.

Lula? "Não! Quer dizer, votei



Pôr-do-sol no Porto da Figueira às margens do rio Paraná, em Vila Alta

Apesar da briga na justiça, o gado ainda faz parte das ilhas

no Lula e no Fernando Henrique. Se um não ganhasse, o outro chegava lá. Dei sorte", contenta-se dona Isabel Maria de Souza, que forma com o marido, Antonio Ribeiro de Souza, uma dupla de farinheiros de mão cheia. É comum ver os dois indo na casa dos amigos, na Ilha Grande, para trocar o produto por banha de porco ou por feijão e arroz.

Mas gente como o seo Martins, a dona Noêmia, Garcia e seo Ribeiro estão sumindo muito depressa das ilhas. Um dia, eles correm o risco de terem que deixar por definitivo as suas casas. Se a devastação continuar, tudo pode ficar coberto pelas águas.

Animais silvestres dão lugar à criação de búfalos

Assombrados com a cheia de 81 (quase se prolongou até o ano seguinte), os nativos do arquipélago de Ilha Grande (368 ilhas, num total de 58 mil ha) acabaram vendendo suas posses por muito pouco. Entravam em ação os criadores de gado do continente. "Isso aqui era cheio de gente", recorda José Bispo Vieira, 54. Ele lembra que, aos poucos, o gado foi passando a fazer parte do cenário da Ilha Grande (segunda maior fluvial do país, com 48 mil ha), hoje elevada à condição de estação ecológica pelo governo do Estado, consequência de várias lutas iniciadas no recém-emancipado município de Vila Alta.

Aos poucos, árvores centenárias, que acolhiam pássaros e animais raros na fauna brasileira (como o bugio ruivo) foram dando lugar às boiadas e aos búfalos, que precisam ser criados próximos das águas. "Resolvemos agir antes que as ilhas fossem totalmente devastadas para a pecuária", diz a prefeita vilaltense, Dayse Meire Jardim.

O empresário umuaramense Clóvis Bruno anda pelo arquipélago desde 1960.

Ele diz que se a Prefeitura não tivesse iniciado um movimento de preservação, muitas ilhas do arquipélago poderiam desaparecer. "Com a derrubada das matas, as clareiras ficam susceptíveis à invasão das águas e as ilhas podem acabar submersas".

Com a ação do município e mais recentemente do Estado, os fazendeiros tiveram que retirar o gado das ilhas. Pelo menos cinco, com aproximadamente dois mil animais, ainda insistem e acumulam uma multa diária de R\$ 100/dia.

Os próprios ilhéus têm consciência de que contribuem para a devastação do lugar onde moram. "A gente faz um foguinho aqui, outro ali, mas nada tão grande como o dos fazendeiros", dizem.

A ordem atual no arquipélago de Ilha Grande é a preservação. A mesma terra generosa para a produção agrícola é também para a recuperação dos locais afetados pelo fogo. Dentro de alguns dias deve entrar em ação uma equipe de guarda-parques para o patrulhamento das ilhas. (LR)